

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 110

18 de junho de 2011

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.

O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.

Por favor não cite nem divulgue este material.

Boa noite a
bem vindos!

todos, sejam

Faremos a aula a partir de duas perguntas, uma do Alessandro, outra da Isabela:

1 - Baseado na distinção que Narciso Irala faz entre ato construtivo e ato receptivo, todo pensamento é necessariamente construtivo ou existe um pensamento passivo e não ativo?

2 - É sobre a relação entre autobiografia, em lembrar a própria história, e a partir dessa rememoração, identificar temas, perguntas ou problemas que sejam relevantes para iniciar uma pesquisa, para fazer uma investigação filosófica. Eu quero saber como é que se faz isso, quais são os métodos e qual a importância disso para a vida de estudos.

Repetição da 2ª pergunta:

Pelo que eu vejo das explicações do Olavo, uma das maneiras de você identificar problemas para começar uma vida de estudos é você identificar problemas ou temas aos quais você vai se dedicar algum tempo e se aprofundar. O Olavo, há algum tempo observou que a ponte entre a cultura na qual você vive e a investigação filosófica se dá na autobiografia, se dá na sua própria vida. Então ele sugeriu que agente relembresse e contasse a própria história para então identificar nessa rememoração temas que tivessem alcance universal. Não os problemas pessoais psicológicos imediatos, mas que tivessem um alcance universal. Eu achei isso interessante, justamente porque me parece que tem uma relação com o que ele falou numa outra aula baseada na pergunta do Moreno que é quando você extrai temas filosoficamente relevantes a partir de sua própria experiência ou você extrai conhecimento, por exemplo, do que você já tem de memória.

Então vou começar por esta pergunta e chegar naquela. Parece que não, mas uma tem muito haver com a outra. É claro que ao longo de sua vida você vai se defrontar com dois tipos de questões: umas que surgem da sua experiência direta, que refletem então a sua curiosidade ou necessidade de explicação sobre alguma coisa, e outra série de questões que lhe vêm através do legado cultural que expressam, por exemplo, o conteúdo de disciplinas escolares, de livros que você está lendo ou de debates públicos que estão

ocorrendo no momento. Tudo o que se entende por educação hoje em dia trata apenas dessas últimas questões, evidentemente; e as questões que surgem da sua experiência pessoal são de certo modo relegadas para o plano da mera psicologia, como se fosse uma área de interesse pessoal sem relevância maior para os outros. Praticamente tudo no ensino é baseado nisso, não que alguém declare isso, mas é uma espécie de premissa implícita. Ou seja, numa escola, se você levantar questões que saíam de sua vida pessoal, o professor pode dar dois minutos de atenção para aquilo mas ele vai dizer “não estamos aqui para tratar de seus problemas pessoais. Procure um padre, um psicoterapeuta etc.” Isso é assim não só no ensino escolar para crianças, mas até à universidade. Por exemplo, a filosofia como uma forma de guiamento pessoal não existe nas universidades, pois partem do princípio de que você tem uma tábua de questões filosóficas tradicionais e é disso que nós vamos tratar.

[0:05:00] O problema com essa separação é que a participação e o envolvimento pessoal na discussão das questões de relevância cultural tendem a diminuir muito, pois na medida em que você recebe um rol de perguntas prontas, senão de respostas prontas, e já tem todo um protocolo de procedimentos admitidos para tratar daquilo, então, esse aprendizado acaba se transformando na aquisição de um determinado papel social: é um adestramento para o exercício de um determinado papel social, que serve para papel de sociólogo; psicólogo; historiador; advogado; etc. O diálogo que se entrava aí é o diálogo entre papéis sociais, e o envolvimento pessoal na coisa tende a ser muito tênue. Isso quer dizer que o indivíduo pode, de sua cátedra, ou naquilo que ele escreve, falar em nome de seu papel social defender coisas nas quais pessoalmente ele não acredita. Então o nível de responsabilidade que existe aí é mínimo. É claro que se você pega por exemplo um desconstrucionista: um desconstrucionista quando ele lê livros na casa dele, ele lê de acordo com a técnica desconstrucionista? Não, pois é impossível. A técnica desconstrucionista só serve para ser apresentada na universidade, aprendida e discutida na universidade não serve para ser exercida na leitura. Para ler um livro como um crítico desconstrucionista, primeiro você precisa tê-lo lido como um leitor normal, senão você não consegue, senão você não tem material para desconstruir.

Nós vimos até na aula que fizemos ontem no seminário de filosofia, eu estava insistindo na necessidade de seu comprometimento pessoal com a leitura de poesia, mas isto aí não se ensina em escola alguma. O que você vai aprender é situar um texto historicamente, analisá-lo, descobrir sua estrutura, descascar as várias camadas semânticas e etc., mas nunca você vai ler o poema como se você o estivesse escrevendo, como se ele expressasse uma experiência sua, um sentimento seu, uma paixão sua, um temor seu, nunca! Isso quer dizer que o texto não é realmente lido, ele é somente repensado. Então você só consome material de segunda mão e nem mesmo no que diz respeito à leitura existe a experiência pessoal.

O problema é que todo o legado cultural também pode ser dividido nessas duas coisas: existem produtos culturais, livros, obras de artes etc., que

respondem a perguntas pessoais e outros que respondem a perguntas que já estão consolidadas na tradição. Por exemplo, quando você lê a Suma Teológica: ela é todinha composta de respostas a perguntas que já eram um material curricular da universidade. Porém, como você tinha ali uma referência a uma religião que era a prática quotidiana real daquelas pessoas, então a articulação da discussão cultural com o envolvimento pessoal era quase automática.

Vamos ver agora de onde surge todo o universo do pensamento humano. De onde surge a sua formulação de seus problemas pessoais e de onde surge as questões que são culturalmente relevantes. Todas as pessoas que têm alguma função na cultura - um escritor, um professor e etc., assim como as outras pessoas, todas elas têm de em primeiro lugar existir fisicamente para poder ter quaisquer idéias. E da sua existência física decorre automaticamente uma série de experiências decisivas que, por um lado [0:10:00] são pessoais, são vividas como uma realidade pessoal, mas por outro lado já têm um alcance universal por assim dizer, um alcance cultural em si mesmo. Essas experiências estruturam todo o mundo da nossa inteligência. Por exemplo, a experiência das direções do espaço: todo mundo algum dia teve de aprender a ficar de pé. Sem aprender a ficar de pé, você jamais teria a idéia do alto e baixo. E sem a experiência do alto e baixo você não poderia jamais formar um conceito de hierarquia. O conceito de hierarquia não é um mero conceito abstrato para o qual a posição ereta do ser humano sirva de figura de linguagem, é exatamente o contrário: a posição ereta é a realidade é a experiência. A noção de hierarquia é uma metáfora que você tira a partir de lá. Metáfora significa estender o significado de uma palavra para além do seu sentido originário. Então, na medida em que existe o esforço para você ficar de pé, e que a posição ereta tem um valor para você, pois ela estende o seu raio de ação, ela aumenta seu poder no mundo e lhe torna de certo modo mais importante justamente na medida em que essa experiência custa alguma coisa e tem um valor para você, então toda a noção de hierarquia do mais alto para o mais baixo está dada ali.

Quando você consegue ficar de pé, você caminha com o seu pai e com sua mãe, você deixou de ser um bebê rastejante e se tornou nesse aspecto uma pessoa igual aos outros, que têm a mesma possibilidade de movimento. A conquista da posição ereta é evidentemente um marco na vida de todos nós e, como nós dizemos, por exemplo, que nós vamos estudar um assunto, conhecer algo *da cabeça aos pés*, nós queremos dizer o quê? Do mais importante para os últimos detalhes. E quando dizemos que uma coisa está confusa, que ela rompe a hierarquia, dizemos que ela está *de cabeça para baixo* ou que *não tem pé nem cabeça*. O que é aquilo que não tem pé nem cabeça? É aquilo que não tem uma posição ereta, portanto não tem uma hierarquia de importância identificável. Prestem atenção: sem isso não conseguiríamos aprender absolutamente nada! Então, hierarquia; alto e baixo; essencial e acessório; o importante e o irrelevante, tudo isso, não são noções abstratas que existam na cultura e que depois nós aprendamos a utilizar a nossa própria posição ereta como uma imagem ou um símbolo daquilo, é exatamente o contrário. Quer dizer que a noção existencial, a

experiência direta da posição ereta já contém todas estas idéias que depois você pode desdobrar analiticamente e aplicar a outros setores da experiência, mas todos esses significados são metafóricos, ao passo que a posição ereta é literal, ela é o sentido literal da hierarquia do alto e do baixo.

Do mesmo modo, o senso da irreversibilidade do tempo. Nós naturalmente representamos o tempo como uma linha que está correndo. Porque nós fazemos isso? Porque nós sabemos que quando andamos para frente você está avançando no espaço ao mesmo tempo que está decorrendo o tempo no mesmo sentido. Mas quando você decide andar para trás é só o seu corpo que vai para trás, não é o tempo que vai para trás. O seu corpo vai para frente e para trás, mas o tempo continua indo para frente. Essa articulação de espaço e de tempo também é uma experiência universal. A diferença de função entre os quatro membros do seu corpo – as pernas e os braços – você vê que as [0:15:00] pernas só têm de fato dois movimentos: para frente e para trás, ninguém vai sair andando para o lado, você pode às vezes desviar, mas na maior parte do tempo você está indo para frente e às vezes para trás, dificilmente para os lados. E tanto que o movimento lateral às vezes é usado como uma expressão artística, uma elaboração, por exemplo, quando você dança. As pernas vão para frente e para trás. E os braços? Eles vão em todas as direções. Tem alguém que não é assim? Quer dizer que os braços mostram nossa capacidade de agir no espaço em várias direções e não apenas de nos mover no espaço com as pernas para frente e para trás.

Se nós fazemos uma lista dos conceitos articuladores que nós usamos em lógica ou em matemática, o conceito de seqüência; de ordem; de semelhança; de igualdade; de desigualdade; do maior; do menor; etc., nos dizem ser conceitos abstratos, e parece que isso resolve o problema todo, mas aquilo que é abstrato — abstrato quer dizer abstraído, tudo o que foi abstraído foi *ab extraído* de alguma coisa — então, da onde foi extraído tudo isso? Qual a origem disso? Quando você vai aprender na escola matemática, eles te dão algumas dessas noções às quais você já tem extraída direta da experiência, e o sentido matemático que aquilo adquire não parece suficientemente arraigado na experiência real, então parece que você está falando de outras coisas, uma outra camada de conceitos que não têm nada haver com sua experiência direta. Se você foi ensinado assim, isso é o suficiente para paralisar sua cabeça de uma vez para sempre. Até que ponto vai a nossa capacidade de ter uma série de conceitos chaves que nós elaboramos de maneira mais ou menos muda a partir da experiência e em cima disso depositar uma outra rede de conceitos que não tem nada que ver com aquilo e com os quais você vai ter de operar o resto da sua vida?

Se nós observarmos direito, nós veremos que absolutamente todos os conceitos abstratos chaves que são usados em filosofia; lógica; matemática; etc., todos vêm da nossa experiência mais primitiva de estar no mundo. Isso aí é que tinha de ser o começo de todo aprendizado. Na prática todos nós obtemos essas noções a partir das experiências, mas nós não verbalizamos isso e, quando mais tarde esses conceitos vierem verbalizados, eles virão com produtos culturais prontos, que não foram tirados da nossa experiência. É claro que uma das funções da filosofia é corrigir isso, é voltar até a raiz

experencial dos conceitos fundamentais, e isto é exatamente o que é a meditação, no sentido filosófico da coisa, ou seja, retroagir desde uma idéia, um conceito, até a sua raiz na experiência. Não precisa ser experiência pessoal no sentido separativo da coisa, ou seja, experiência individual exclusivamente minha, de coisas que só aconteceram a mim, ao contrário, você tem de escavar até encontrar aquelas experiências que necessariamente todo mundo teve igual e que você também teve, como essas aqui, por exemplo.

Eu até contei num negócio que eu publiquei no meu blog algumas dessas experiências que para mim foram vividas de maneira muito consciente pelo fato de que eu tinha tempo para prestar atenção nessas coisas, pois eu estava lá doente e deitado, não tinha nada para fazer, então essas coisas mínimas a respeito do movimento, das direções do espaço e etc., eu prestava atenção em tudo isso. Todos passaram por essa experiência, só que passaram de maneira muito rápida e não lembram como é que foram compondo [0:20:00] esses conceitos fundamentais. Esse contraste entre as direções do espaço e as direções do tempo. O tempo evidentemente só tem uma direção, a outra direção do tempo efetivamente não existe, ela só pode ser pensada. Ora, se não fosse assim, nós teríamos muita dificuldade para distinguir entre o que é a experiência real e o que é o imaginário. A direção do tempo para trás só existe imaginariamente, e para que você tenha essa experiência é necessário que o seu tempo real continue transcorrendo para frente. Enquanto você está memorando, voltando mentalmente para uma outra faixa de tempo, você continua avançando para frente no tempo físico.

Se nós também não tivéssemos uma noção do ponto, não teríamos a noção do ente separado, de um fato atômico, ou seja, tudo aquilo que é totalmente separativo nós não conseguiríamos fazer. Entendemos perfeitamente que pontos não existem na realidade, mas podem ser descobertos ou inventados dentro dela por uma espécie de uma restrição da atenção: eu vou prestar atenção só nisto e esquecer o resto. Por exemplo, quando você observa coisas muito pequenas, como insetos: o mundo dos insetos pode se revelar cada vez mais complexo para você, ao ponto de ele constituir uma espécie de microcosmo. Essa capacidade que nós temos de operar vários recortes no sentido do grande e do pequeno, sem isso nós não conseguiríamos pensar absolutamente nada. Por exemplo, o que seria o campo de uma ciência, como nós conseguiríamos recortar idealmente o campo da sociologia, da física ou da biologia se nós não tivéssemos esta experiência de vários círculos de dimensões diferentes, uns dentro dos outros, nos quais podemos focar nossa atenção no mais pequeno e cada vez mais no menor para depois voltar à escala grande. Todos nós tivemos essa experiência quando criança! Por exemplo, até onde vai a sua capacidade de perceber o pequeno? Começa a ver pela formiguinha, e daí você começa a olhar as formiguinhas e há todo um mundo na vida das formigas. Visto na escala maior, isso não é absolutamente nada, mas ele tem lá a sua complexidade interna. Todas as crianças gostam de miniaturas, de coisas pequenas que formam como que mundinhos que elas inventam de acordo com o seu arbítrio. Tanto eu quanto o David, nós tínhamos a mania de pegar

uma caixinha cheia de terra, botávamos umas plantinhas, uns bonequinhos, uns bichinhos e etc., e ali virou um mundo. Se não tivéssemos a capacidade de fazer isso, nunca entenderíamos o que é o campo de uma ciência em distinção ao campo de uma outra ciência.

Voltando à questão da posição ereta, das pernas e dos braços. Você vê que dentro da posição ereta há vários níveis de alturas possíveis, quer dizer, você pode abaixar e pode levantar, mas em cada um desses níveis você pode mexer os braços em todas as direções igualmente. Se você tiver deitado, de cócoras ou sentado, você continua podendo mexer os braços nas várias direções. Então você vê que para cada altura determinada existe um círculo de expansão que tem uma dimensão idêntica em todas as [0:25:00] alturas. Isso quer dizer que se você tomar agora a noção de hierarquia no sentido de importância, de gravidade, de essencialidade, você vê que em qualquer desses níveis você pode expandir horizontalmente a sua atenção para abranger círculos cada vez maiores de fatos, desde uma multidão de fatos irrelevantes até outros fatos de importância maior. Se não tivéssemos tido esta experiência do espaço e do movimento do espaço, nós não entenderíamos absolutamente nada. Então você vê como é sério aquilo que Platão colocou no Timeu e diz que Deus colocou os astros no céu para que nós víssemos os movimentos da inteligência divina nos céus, fisicamente, e modelássemos por ele a nossa inteligência.

Quando no Gênesis Deus disse que colocou as luminárias no céu para distinguir os dias e as noites: veja que coisa absolutamente fundamental para nós é a distinção do dia e da noite. Isso nos remete diretamente à experiência da claridade e da escuridão. E essa experiência, conforme se viu em aula um pouco tempo atrás sobre a tripla intuição, esta é a origem da consciência que temos de nossa própria inteligência, a consciência do conhecer. Pois, se você remontar a uma época antiquíssima na qual você não tinha luz elétrica e no qual, suponhamos, o ser humano não tivesse o domínio do fogo, então significa o seguinte: quando tem o sol no céu ele enxerga, e quando não tem, ele não enxerga. Então vamos pegar esses dois extremos: de um lado você tem o sol a pino no meio dia e no outro lado você tem a noite da lua nova, onde você não enxerga absolutamente nada, e você vê também uma certa gradação de claro e escuro que dá no crepúsculo, na lua cheia, na crescente e na minguante etc.

Reparar na presença ou ausência do sol, na presença ou ausência da única fonte de luz natural, é a mesma coisa que você perceber a distinção entre ver e não ver. Quando tem o sol eu estou vendo tudo, e no outro extremo, na noite de lua nova eu não estou vendo nada. Ora, nesta experiência que é fundamental não só para o “homem primitivo”, mas para qualquer criança, o que acontece? A percepção de um fato do mundo externo, que é a presença ou ausência de fonte de luz é automaticamente a mesma coisa que a percepção do ver e do não ver que é um ato subjetivo, um estado subjetivo. Aí você tem a conexão inseparável do interno e do externo, quer dizer, eu não posso reparar na presença ou ausência da fonte de luz sem reparar que eu enxergo ou não enxergo. Tomo consciência deste dado macro-cósmico no

mesmo instante e pelo mesmo ato com o qual tomo consciência de um estado micro-cósmico interno meu. Se houvesse uma origem de nossa confiança na nossa presença no mundo e na presença do mundo exterior, está aí dada. Não conseguimos separar as duas coisas: o sujeito não pode em plena escuridão separar o poder visível que ele tem da presença ou ausência da fonte de luz, ele não pode decidir em enxergar no escuro. O fato de que o exercício de sua capacidade visível esteja diretamente condicionada a uma fonte externa de luz, isso aí arraiga o ser humano no mundo de uma maneira inseparável, de tal modo que as dúvidas céticas quanto ao conhecimento do mundo exterior só poderão aparecer na circunstância de uma civilização urbana já muito avançada, onde o contato verbal entre as pessoas é muito intenso, e onde, portanto, a rede de palavras pode encobrir ao menos por momentos a experiência que todos têm, fazendo com que eles neguem que saibam o [0:30:00] que sabem. Mas é claro que aí é uma coisa já muito artificial que só surge em determinadas circunstâncias, mas a experiência fundamental, do enlace entre o ver e o não ver; da presença e ausência da fonte de luz é uma experiência que todo mundo teve. Por isso mesmo que essas dúvidas céticas sobre o mundo exterior, todas elas se desenrolam dentro do mesmo mundo exterior onde estão as pessoas que não compartilham dessas dúvidas. Se o cético se ausentasse do mundo exterior para ter sua dúvida, nós jamais teríamos tido notícia da existência das dúvidas.

Por tudo isso você vê o quanto é absurdo tentar explicar a estrutura da mente humana ou da inteligência humana por um treco chamado “cérebro”. O cérebro sozinho, como ele poderia substituir esse imenso quadro cósmico de onde ele aprendeu praticamente tudo o que sabe e de onde ele aprendeu não só os dados, mas os princípios articuladores. Então as famosas formas à priori do Kant, onde estão? No nosso cérebro, na nossa mente? Não, estão dados dentro do quadro universal dentro do qual nós estamos. Claro que são formas à priori, pois elas já enquadram antecipadamente toda a experiência possível. Por exemplo, a questão das seis direções do espaço: para frente e para trás, direita e esquerda, em cima e em baixo. Tudo o que lhe acontecer na vida acontecerá dentro desse quadro. O quadro é, por assim dizer, prévio à experiência, mas é a experiência do cosmos, é a experiência da nossa presença no mundo que condiciona depois o enquadramento de cada uma das experiências particulares que nós teremos adiante. São realmente formas à priori, mas são as formas do cosmos, a forma da vida cósmica é a forma da nossa presença no cosmos.

Uma outra experiência fundamental é a experiência do ciclo anual, onde nós sabemos que certos fatos do mundo exterior vão se repetir no ano seguinte, mas eles vão se repetir somente no seu esquema geral, somente na sua forma geral, não no conteúdo concreto, particularmente em lugares onde as estações do ano estão destacadas, como se têm aqui [nos Estados Unidos]. Você sabe que certas experiências voltarão, mas você já não estará com a mesma idade, com a mesma situação, ou seja, existe uma sequência que continua e em volta dessa sequência existe o ciclo. A experiência do ciclo nunca é uma experiência terminal, pois você nunca volta exatamente ao

mesmo ponto do círculo, mas ao mesmo tempo você não escapa do ciclo. É como se fosse uma seqüência de capítulos que estão sempre divididos em quatro pedaços, e esses quatro pedaços têm um ordem fixa. Para representar isso mais corretamente, é como uma espiral, que é um círculo mas que nunca volta exatamente ao mesmo ponto.

Tudo o que estou falando são experiências pessoais de enorme impacto, e elas já contém implicitamente todo o quadro dos conceitos aglutinadores, articuladores, explicativos que toda e qualquer tradição cultural passará para você. Então eu acho que a rememoração dessas experiências cria automaticamente o elo entre o que é o seu interesse pessoal e as suas experiências pessoais e a experiência que vem pelo legado cultural. Agora, perceba que toda a dimensão dessas experiências de que estou falando é desconhecida na nossa cultura, é como se não existisse. Nós aqui só temos dois tipos de experiências: as pessoais e individuais no sentido separativo, que é aquilo que aconteceu [0:35:00] só à você, que o vizinho não sabe; e nós temos as experiências compartilhadas da cultura que nos vêm através da escola, dos livros e etc. Mas, ó raios, e a experiência de estar no mesmo universo, ninguém teve, será? É uma coisa terrivelmente ausente na nossa cultura letrada. Parece que você só pode apelar a dois tipos de autoridades nas discussões públicas: ou seria o testemunho pessoal individual separativo, ou seja, aquilo que só você viu e ninguém mais viu, como por exemplo quando você é testemunha de um crime; ou o conhecimento público, o consenso que se tem. Então você tem as experiências gerais e as individuais, mas e a experiência universal, que é justamente o que estou falando? Que é a que tem mais validade do que tudo o que seja individual ou geral! Porque ela é o princípio validador de tudo. É sempre a essas experiências fundantes, que são experiências universais compartilhadas por todos os seres humanos, pois ser um ser humano é passar por essas experiências que um animal não passa, pois um animal não percebe nada disso. Existe uma infinidade de espécies animais que nunca olharam para cima, a não ser duas espécies: os homens e os lobos. Para os outros o mundo começa da cabeça dele para baixo. Um cachorro, se você está de pé e chama o cachorro, o estímulo é só auditivo e às vezes ele não vem, mas se você baixar e ficar de cócoras e o chamar, daí ele vem. Você já percebeu isso? Quem tem cachorro percebe que é muito melhor se abaixar e chamar o cachorro na mesma altura que ele, pois o que está acima dele não existe.

Isso quer dizer que nenhuma espécie animal tem um idéia da estrutura do cosmos, ele têm apenas aquilo que o biólogo Uexküll¹ chamava o seu *Umwelt*², o mundo circundante dele, que é o mundo onde ele existe, e que

¹ **Jacob Johann von Uexküll** (Keblaste, Estônia, 8 de setembro de 1864 - Capri, 25 de julho de 1944) foi um biólogo e filósofo estoniano de origem alemã. Foi um dos pioneiros da etologia antes de Konrad Lorenz. Foi um biólogo com grandes realizações nos campos da fisiologia muscular e cibernética da vida. Porém, sua realização mais notável foi a noção de **Umwelt**, o mundo subjetivo da percepção dos animais em relação ao seu meio ambiente. Postulava que cada animal tem seu mundo próprio e que cada um deles tem que ser entendido no seu habitat (meio em que vive). Estudos posteriores como os de Kalevi Kull, conectaram os estudos de von Uexküll com algumas áreas da filosofia como a fenomenologia e a hermenêutica, influenciando nos trabalhos dos filósofos Martin Heidegger, Maurice Merleau-Ponty, Gilles Deleuze, Félix Guattari entre outros.

² A Teoria da Umwelt de Jakob von Uexküll (em português) - Artigo escrito por seu filho Thure von Uexküll e publicado pela Revista Galáxia — <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewFile/1369/852>

para ele é todo o mundo. O único ser que tem uma concepção universal do universo é o ser humano, e ele começa a tê-la no instante mesmo em que nasce. Começa a tê-la não através da cultura, mas dessas experiências fundantes. Elas são difíceis de descrever, primeiro por serem experiências muito constantes, elas sempre estão aí, e, segundo, por que não há na nossa cultura vocabulário para isso. Na verdade, existe o vocabulário, mas ele lhe é fornecido, por exemplo, a noção de sequência, a noção de ordem, a noção de causa, etc., tudo isso é usado nas ciências, na lógica e etc., mas é usado sem referência à experiência fundante. Então você fica com a impressão que são convenções. Mas de onde tiraram essas convenções? Porque convencionaram assim e não de outra maneira? Veja que um mergulho, uma rememoração dessas experiências fundantes colocam você num estado de clareza onde você, olhando o panorama cultural e das discussões públicas, você já começa a perceber a dose de artificialismo que existe nisso, e que pode chegar ao nível do alucinante. Por exemplo, essa história das pessoas que querem criar as crianças sem uma identidade sexual precisa, para que as crianças escolham a sua identidade sexual mais tarde. De onde elas poderão escolher, senão de uma gama fornecida pela cultura? Ao passo que normalmente o sujeito escolhe a partir dos dados corporais imediatos. Então, é justamente quando esses dados corporais imediatos conflitam com os papéis sociais que surge o problema da falha de identidade sexual. O sujeito que é um transexual é um cara que conhece perfeitamente bem a sua identidade sexual, mas ele não se sente bem dentro dela pois não confere com o papel social que ele quer imitar: ou seja, ele tem o corpo do papai, mas quer ser a mamãe. Bom, aí ele arrumou um problema! Agora, se ele não tivesse identidade sexual nenhuma, ele não poderia formular esse problema jamais! Mas, tal como estão colocando o problema hoje, não [0:40:00] existe mais a identidade sexual de nascimento, existe somente a identidade sexual considerada como papel social, que é o que eles chamam *gênero*. Então, a situação atual é a seguinte: o gênero aboliu o sexo. O gênero, que é uma criação cultural, que é a assinalação de certos papéis sociais mais ou menos conforme a anatomia da criatura, tal como ela é interpretada por essa cultura, ou por outra, ela vai se tornar o fator fundante, e o dado anatômico inicial já não significa nada. Você pode então imaginar a desconstrução que isso pretende realizar nas próprias experiências fundantes.

Pergunta: Mas, por outro lado, as experiências fundantes são irrevogáveis, não é? Só conseguem no máximo que a pessoa não preste atenção. Mas isso cedo ou tarde vai gerar alguma espécie de conflito.

Absolutamente irrevogáveis. Criará conflito, mas ele vai permanecer inconsciente. O que essas coisas todas de movimento gay vão criar não são efeitos morais que os moralistas religiosos tanto temem: “Ah, vai todo mundo agora virar homossexual e isso aqui vai ser a casa da mãe Joana”. Não é isso. Eles vão simplesmente ficar imbecis, pois você está fazendo com que uma série de problemas que a mera experiência de estar no mundo já te dão resolvidas, vão passar a ter de ser resolvidas pelo pensamento consciente, pela reflexão e etc., vai dar um trabalho miserável, e será mal sucedido na maior parte dos casos. Então porque a gente observa que depois que

começou esse negócio de sexo livre as pessoas ficaram imbecis? Uma coisa tem uma ligação clara com a outra! Se o sujeito não precisar pensar muito na sua identidade sexual, pois já a recebeu pronta da sua própria forma de estar no mundo, então ele libera o tempo de atenção dele para pensar em outro problema. Mas, e se ele tiver de fazer da sua identidade sexual um problema digno de atenção durante vinte ou trinta anos?

Nos três mosqueteiros tem uma cena em que o mais forte deles, o Porthos, está segurando uma trave de uma casa que está caindo, e naquela hora ele tem de sair correndo, mas ele para e pensa “como é possível o meu cérebro transmitir às minhas pernas a ordem do meu movimento”, e então ele para e cai tudo em cima dele. É o negócio de Sto. Agostinho: “o que é o tempo? Quando não me perguntam eu sei, mas quando me perguntam eu não sei mais.” Ou seja, eu sei aquilo no nível da experiência fundante, não sei no nível do pensamento reflexivo. É esta passagem da experiência fundante ao pensamento reflexivo que eu denomino *extrusão*, que é uma modalidade de pensamento meditativo no qual você permite que o impacto da experiência fundante determine o curso dos seus pensamentos. Não é o caminho de volta da meditação, as duas coisas vêm junto: não é que você primeiro vai meditar e depois você vai falar. Não, as duas coisas vêm juntas. É, por assim dizer, a expressão imediata da experiência fundante que se dá sob a forma de uma *confissão*. Essa confissão exterioriza aquilo que foi impresso em você profundamente pelas experiências fundantes, onde você confessa, admite, que as coisas são assim ou assado porque foi assim que elas chegaram primeiramente a você, e chegaram de tal modo que se não chegasse assim você não [0:45:00] conseguiria pensá-las. Foi a minha experiência com as tartarugas: eu tinha a coleção de sete tartarugas quando moleque, e as levava para tomar banho: enchia o tanque e colocava as sete tartarugas para nadar lá. Eu tinha uma grande diferença entre os dois olhos, um era míope e o outro era hipermetrope. O hipermetrope tem hipermetropia e astigmatismo, e ainda tenho o *lazy eyes* que é um breu, tudo isso junto. Quando eu olhava com um olho, parecia de um jeito, quando eu olhava do outro, parecia de outro jeito. Daí surgiu a pergunta cética: mas o mundo é assim ou assim? E daí eu reparei que para poder fazer estas perguntas, eu precisava fazê-las a respeito das mesmas tartarugas, pois se fossem dois grupos de tartarugas já não haveria problema. Se fossem dois grupos distintos de tartaruga, um grupo estaria indo para um lado e outro para outro, não haveria problema algum. Mas como eram as mesmas tartarugas, e pior, elas iam para a direita na perspectiva de meu olho direito, e elas também iam para a direita na perspectiva do meu olho esquerdo. Então, espera aí: tem uma estrutura espacial que permanece a mesma, quer dizer, as cores e as formas parecem um pouco alteradas, mas tem um fundo de estrutura espacial que eu não consigo mudar. Para mudar a estrutura espacial eu precisaria ter outros poderes de movimento além daqueles que eu tenho. Então o que garantia a forma do mundo exterior não era a visão sozinha. Se nós fossemos isolar e considerar somente o dado visual, nós nos confundiríamos muito, mas tudo o que você vê, você vê em algum lugar, e o que está nesse lugar não é o seu olho, é o seu corpo inteiro. Então, o fundo de realidade não é constituído por impressões visuais, as impressões visuais recortam abstrativamente uma

parte do espaço inteiro, mas para você fazer isso é preciso que você já esteja no espaço inteiro!

A experiência do espaço precede no tempo e na ordem a experiência visual. Um bebê pequeno não tem muito controle da direção do olhar, o olhar dele é meio errático. Só com o tempo ele vai aprender a fixar determinadas coisas, acompanhar o movimento, etc. Tudo isso requer aprendizado. Então aí você já tem um elemento abstrativo. Em cima do quê você exerce esse recorte abstrativo? Em cima da sua experiência do espaço onde você já está. Essa experiência do espaço começa imediatamente após o nascimento. Quando o bebê começa a agitar os bracinhos, ele já os agita em várias direções, mas as perninhas ele só agita para frente e para trás. As pernas já têm a insinuação da idéia de seqüência; de série, que é repetida no movimento para adiante, e nos braços já tem a noção de simultaneidade. Tudo isso já está dado imediatamente. Então é em cima dessa experiência que você começa a fazer o recorte visual. Agora acontece que como o sentido da visão é mais rico e nos dá mais informações, mais dia menos dia nós aprendemos a nos orientar só por ele, como se ele fosse a realidade. Eu tive essa sorte de que as tartarugas me ajudaram a corrigir essa impressão e tudo aquilo que eu vejo situar num espaço que não vejo mas no qual eu sei que estou. Por quê eu sei que estou? Pois eu me movo dentro dele. Quando mais tarde eu li frases como essa do *Timeu* de Platão ou a do Augusto Comte: “regrar o interior pelo exterior”, é claro que nós sempre fazemos isso. Se pararmos de fazer isso um único momento, nós estamos [0:50:00] literalmente perdidos no espaço. Agora, o mundo visual tende a conquistar uma certa autonomia em relação à experiência do espaço. Por exemplo, na tela de cinema ou num quadro você recorta um pedaço e presta atenção só naquilo. Isso quer dizer que a capacidade de abstração é inerente ao sentido da visão: ele é o que nos vai ensinar o pensamento abstrato. Só que o pensamento abstrato, se você esquece da onde você abstraiu, você entrou para um mundo que só existe visualmente, mas não espacialmente. Então é como uma alucinação ou um sonho. No sonho é tudo visual, não tem a referência espacial. No sonho você age nos lugares onde não está, mas é só uma ação visual, tanto que você se vê no sonho. Isso é uma coisa que na realidade não podemos fazer. Eu posso me imaginar desde fora, mas não me ver. O ver-se de fora é uma propriedade do nosso imaginário.

Com isso nós chegamos à pergunta da Isabela: existe aquela distinção das atividades receptivas da mente, da percepção receptiva e temos as percepções construtivas ou emissivas que nós mesmos fazemos. É claro que existe um mundo intermediário, existe entre essas duas uma espécie de indecisão, que são atividades construtivas apenas esboçadas a partir de uma percepção. Por exemplo, o devaneio: você está deixando que as imagens surjam quase que por si. Se você rastrear a origem dessas imagens, você verá que algumas vêm de sensações recebidas do mundo exterior e outras do seu próprio estado corporal. Também a memória, como ela funciona? Às vezes ela é puramente receptiva, quando você está em estado de passividade, e as vezes você está sondando alguma coisa dentro delas, procurando ativamente, ou seja, há uma distinção entre a memória e a

recordação. A memória é passiva, ela recorda o que quiser, mas a recordação já é ativa. Mas, como é que funciona a memória de verdade? Misturando as duas coisas. Às vezes a distinção entre o receptivo e o emissor é impossível, pois as duas coisas estão misturadas mesmo. Para o exercício que eu chamo extrusão, agente tem de ficar exatamente nessa zona intermediária onde alguma atividade construtiva de certo há, pois você vai usar palavras que aprendeu e vai articulá-las segundo as regras de gramática. Mas o material todo é dado por uma memória passiva, onde você vai confessar o que foi percebido. Exatamente como no exercício do Narciso Irala, quando você fecha os olhos para perceber os sons em torno, você simplesmente registra os sons que foram recebidos, você não acrescenta nada. Você recebe, portanto está na atividade passiva receptiva, mas você os anota, ou seja, você tem uma intenção explícita de recordá-los, para depois poder dizer.

Não há noção abstrata, mesmo em altas matemáticas, que em última análise não se reporte à experiência fundamental de estar no mundo. E note bem, a de estar no mundo físico? Espera aí, as direções do espaço não são físicas, o senso de hierarquia não é [0:55:00] físico. Isso quer dizer que o mundo já tem uma estrutura sem o qual nós não poderíamos sequer perceber a distinção entre o físico e o não físico. É na transmissão dessas experiências fundamentais – por isso que não digo experiências do mundo físico, pois é a experiência de estar no mundo, que seria também aquilo que o Louis Lavelle chama a “Presença Total”. Você vê que ele tem a experiência da presença total, mas em parte alguma da obra dele ele tenta descrever a experiência da presença total que é exatamente o que eu estou tentando fazer. Eu encontrei depois com enorme satisfação no livro do Jean Borella uma explicação muito semelhante a isso, mas ele está dizendo que isso é a origem do símbolo. Não, isso não é a origem do símbolo, mas é a origem de todo o nosso conhecimento. Uma parte disso pode se condensar em símbolos e mitos e etc., mas isso não chega a nós como símbolo. Eu não posso dizer que as direções do espaço são símbolo! Elas são uma realidade, eu estou dentro dela e não posso sair um minuto! A estrutura do espaço em torno, a estrutura do movimento, tudo isso não são símbolos, mas são experiências fundantes de onde saem os símbolos. Eles têm origem ali, assim como a linguagem abstrata também tem origem ali.

O Alessandro me pergunta se no curso de Filosofia Política o que eu fiz foi exatamente tentar retornar à experiência fundante. Isto é o método que eu aplico sempre. Por trás de todos os conceitos que estão em discussão numa certa área de conhecimento existem as experiências fundantes sem as quais esses conceitos não significariam nada. E sem você retornar a essa experiência fundante esses conceitos se tornam fetiches, pois você não sabe realmente do que você está falando. Você está falando apenas de núcleos de aglomerados semânticos que se consolidam pelo uso público, mas você não pergunta a que isto corresponde no mundo real. O mundo real é o mundo da experiência fundante, não é um mundo tal como depois as ciências os desmembram. Até os conceitos científicos têm de ser fiscalizados e corrigidos mediante o retorno à experiência fundante. Quando, por exemplo, no curso de Filosofia Política eu remeto tudo à questão do poder e o defino como a

capacidade de ação, e a ação como transformação deliberada de um estado de coisas, e portanto, o poder político como a capacidade de ação onde as outras pessoas são os instrumentos de minha ação. Se eu não consigo fazer dos outros os instrumentos e objetos de minha ação, então eu não tenho poder político algum, ainda que eu tenha um grande poder de ação na natureza. Por exemplo, um homem forte pode carregar um peso maior que um homem fraco, é claro que já é um poder maior. Um homem forte pode bater no mais fraco, o fraco pode tentar reagir, mas não vai conseguir. É claro que isso é uma expressão de poder. Mas quando você bate num sujeito, ele é apenas o objeto de sua ação, ele não é instrumento dela. Agora, se você convencer um sujeito a bater em si mesmo, aí você começou a exercer um poder que nós chamamos de propriamente *político*. Quando as outras pessoas não são somente objeto, mas são instrumentos da sua ação, ação que se tornaria impossível sem eles, aí começa-se a falar de um poder de ação na sociedade. O estudo [1:00:00] da ação, da influência e da escala da diferença de poder. Porque eu sou o primeiro em milênios a dizer que a diferença de poder entre seres humanos é um elemento essencial e permanente da estrutura humana? Ninguém nunca disse isso! Todo mundo constata que existe uma diferença de poder, só que ninguém teve a cara de pau de dizer isso: no instante que eu nasço, eu estou ali no colo de minha mãe e ela tem um poder descomunal sobre mim e eu não tenho nenhum sobre ela. E isso é assim ao longo de toda a vida, ou seja, uma igualdade de poder entre os seres humanos é inconcebível, mesmo por que, pelo simples fato que você nasce como um bebê, e não como um ser humano adulto. A diferença de idade já é uma diferença descomunal do estado do poder, um adulto pode te jogar pela janela, matar você, acabar com você e você não poderá fazer absolutamente nada, quer dizer, o bebê é a criatura mais inerte do universo, e todos nós já fomos bebês. Agora, quando o sujeito vai analisar a política e ele esquece que ele foi um bebê, ele está esquecendo de que tudo aquilo de que a ciência dele trata acontece a seres que já foram bebês, então ele está falando de seres abstratos e não de seres reais.

Pergunta: Você poderia então dizer que essa negligência das experiências fundantes é fonte da paralaxe cognitiva?

Mas sem dúvida: é claro que é! A paralaxe é uma forma de pensamento patológico que só é possível no esquecimento quase total da experiência fundante que, portanto, num estado em que o indivíduo absorve os conceitos públicos, conceitos que estão na ciência, no debate político, é como se fosse uma tradução direta da realidade e não apenas um recorte tardio feito a partir das experiências fundantes. A própria distinção entre mente e matéria, nas experiências fundantes não existe essa distinção. Existe a diferença entre o eu e o mundo, isso sim. Mas tanto eu quanto o mundo, nós somos um aglomerado inseparável de elementos materiais e imateriais, quer dizer, a estrutura que o mundo imprime em mim desde o início, você não pode dizer que é material, mas ela vem através das presenças materiais, não é outro mundo, uma espécie de mundo das idéias platônicas que se impõe, não, é o mundo das idéias platônicas, mas, como dizia Aristóteles, incorporado nos seres físicos. Eu não acredito que tenha de existir um pensamento simbólico

que é a base de todos os outros pensamentos possíveis: eu acredito que a experiência fundante é a base. O simbolismo é uma coisa tão remota e tão tardia quanto a lógica, eles são produtos culturais, mas as experiências fundantes absolutamente todo mundo teve. Eu me espanto às vezes que aquele pessoal que queria ser existencialista não tenha pensado nisso. Louis Lavelle não é propriamente existencialista, mas foi o cara que percebeu isso. Isso quer dizer que, bem consideradas as coisas, no universo que nos rodeia está toda a metafísica, toda a lógica, toda a antologia, está tudo lá, não é nada que saia do nosso cérebro. Quando nasce o seu cérebro, é o trilionésimo cérebro que aparece aqui, é só mais um! Então, ele não pode [1:05:00] ser tão importante assim! Em primeiro lugar, durante a gestação o cérebro já é formado com proporções e traços que já são adequados a esta moldura do universo em torno, tem uma co-proporcionalidade aí. O cérebro está apto a receber essas coisas, ele não as produz, mas ele está apto e ele não está apto a outra coisa, você não tem um cérebro adaptado à vida no planeta Júpiter ou na estrela Vega: você está apto a essa posição no cosmos. Aí nós estamos indo para uma espécie de geocentrismo metodológico, não é geocentrismo astronômico, necessariamente.

De todo o universo que nós conhecemos, e hoje em dia nossa capacidade de observação do que se passa a distância imensuráveis é também imensurável, só tem um lugar no universo onde se conhece a forma do universo: é aqui. Em tudo o mais que nós conhecemos a forma do universo é opaca. Só há um lugar onde o universo se revela a si mesmo: é a Terra. Então nesse sentido a Terra é o centro cognitivo do universo. Mesmo que Galileu tivesse razão, isso não afetaria em nada, só torna as coisas um pouco mais complicadas. Se a terra está se movendo em torno do sol, está se movendo em torno dele, está tudo em movimento ao ponto de que a descrição total é impossível pois você cai na relatividade de milhões de movimentos simultâneos, então como foi possível dentro dessa estrutura caótica que um ponto ali se tornasse o centro cognitivo? A resposta a isso só se tornaria mais difícil do que numa perspectiva geocêntrica. Mas, em si não mudaria nada; mesmo que a terra seja apenas um planetinha que habita em torno de não sei o quê, ela continua sendo o centro cognitivo do mesmo modo. Eu acho que isso é um fato de uma importância extraordinária não só para nós, mas para todo o universo.

Pergunta: Olavo, você acha que esse pensamento que se aliena da experiência fundamental, como no caso da sexualidade e do gênero, onde o sujeito escolhe seu gênero não a partir da sua experiência de estar no mundo, mas a partir dos elementos culturais, e que isso acaba imbecilizando, você acha que essa forma de estruturar o pensamento sobre uma das experiências fundamentais se alastra para outras, contaminando toda a inteligência do indivíduo?

Ela desloca tudo, pois as experiências fundantes colocam você dentro de um mundo ordenado, e de uma ordem que transcende até mesmo a ordem visível. Por exemplo, o que quer que aconteça cosmicamente, vamos supor que as órbitas planetárias sejam deslocadas etc., ainda assim vai se dar dentro de um quadro das direções espaciais que vai continuar exatamente o

mesmo. Isso quer dizer que as direções do espaço não são um produto do cérebro humano, você não poderia inventá-[1:10:00] las jamais se você não estivesse já enquadrado dentro delas. Do mesmo modo como a relação de espaço e de tempo, ou seja, no espaço você vai e vem e no tempo você só vai. Mas ao mesmo tempo você tem uma espécie de retorno atenuado através da imaginação. Tudo isto é a condição na qual nós nascemos e na qual sempre estivemos, não podemos inventar nada disso. Agora, onde é que surge o problema da paralaxe cognitiva que vai culminar nessa apoteose do artificialismo que é o sujeito não saber a que sexo ele pertence? Começa no instante em que a noção de natureza se perfila como uma coisa independente e separada da mente humana. A natureza passa a ser um campo puramente exterior que consiste apenas em ter extensão, como por exemplo com Descartes, é a “coisa extensa”, e ela é especificamente diferente do nosso mundo mental, do nosso mundo interior. Então aí ficou de um lado todos os corpos e do outro lado todos os pensamentos. É claro que isso é um delírio, uma loucura, pois eu não poderia pensar em nada se eu não estivesse dentro deste universo que me dá as experiências fundantes. Então quando eu penso, não sou só eu que estou pensando, não estou dentro de um mundo puramente físico e puramente material e dentro disso tem uma criatura absolutamente solitária que está ali pensando, fazendo uma coisa que ninguém mais faz que é o pensar. No instante em que eu penso é o universo inteiro que está se pensando em mim. Eu sou, assim como qualquer um de nós é, uma área mais iluminada no universo, mas ainda assim não estamos separados dele, é dentro dele que estamos pensando. E estamos pensando graças aos instrumentos que ele nos deu mediante as experiências fundantes. O pensamento isolado não existe, mas na hora em que os caras criam a noção da natureza, um campo determinado exclusivamente por leis naturais matemáticas que não têm absolutamente nada haver com nossa presença ali, pronto, você já entrou no universo da carochinha, isso nunca existiu, mas as pessoas começam a ter a experiência da natureza como uma coisa estranha, a experiência do mundo físico é uma coisa que lhes é estranha.

A partir dessa primeira separação, então, por exemplo, a identidade de gênero passa a ser uma mera criação cultural que não tem nada haver com o fundamento da sua experiência. No entanto, é claro que isso aí só acontece na imaginação das pessoas. Na verdade elas continuam tendo a sua mesma identidade e se não a tivessem não poderiam ter os problemas de identidade que têm! Por exemplo, o transexual afirma resolutamente sua identidade masculina no instante em que ele a odeia! Não se pode odiar uma coisa que não existe! “Eu não quero ser assim”. Bom, porque você está bravo com isso? É porque você é assim! Se não fosse, se você estivesse nascido mulher, você não ia odiar sua identidade masculina. Isso quer dizer que você não tem somente a forma do corpo masculina, você tem o reconhecimento da forma do corpo, você tem a sua identidade, e é ela que você não quer. Quantas vezes nós nos revoltamos contra coisa que são parte de nossa identidade! Por exemplo, a nossa família. “Ah, eu queria ter nascido em outra família”, mas porque você quer? Por que você sabe que tem essa família e não outra. Você está afirmando a coisa na mesma hora em que a nega. Agora, daí vem um suporte cultural que diz que a verdade está na negação e não no dado inicial.

Quando as pessoas fazem isso, elas sabem que estão mentindo, e justamente por saber que está mentindo, [1:15:00] ela tem de reafirmar incessantemente. Esse é o problema da identidade homossexual. A identidade homossexual é baseada na forma do corpo? Não, é baseada num tipo de desejo que um sujeito tem e que ele não pode ter vinte e quatro horas por dia. Não é assim? Você nasceu homem e será homem vinte e quatro horas por dia. Agora, homossexual, é só no instante em que você pensa nisso. Sim ou não? Então é uma identidade imaginária que você criou e que você vai ter de reforçar mil vezes, você nunca vai se convencer completamente daquilo. Isso aqui é um motor potentíssimo do movimento gay: a incerteza perpétua da identidade homossexual. Eles têm de ficar gritando cada vez mais justamente porque não conseguem se convencer totalmente daquilo. Na hora em que você não está com desejo sexual algum, você não tem identidade homossexual, você tem apenas sua identidade anatômica, você voltou a ser um homem como qualquer outro. No instante em que começa a fantasia sexual, dentro de sua identidade anatômica originária está acontecendo um detalhe “x”. Mas ele reafirma sua identidade masculina na mesma hora em que está revoltado contra ela. Mais ainda, eu acho que a maior parte dos homossexuais têm até mais identidade masculina do que nós, pois ele é um homem que quer outro homem igual. Então são tudo machões. O homossexual é muito mais macho do que nós. Nós somos machos só na nossa identidade anatômica, nós somos fêmeas na nossa afeição, no nosso desejo, nós queremos uma fêmea, é a fêmea que nos completa. Eles não, ele é macho na identidade anatômica e é macho no desejo. Você vê que é injusto chamar os caras de veado, de bicha. Não, são uns machões.

Mas essas coisas só são possíveis graças ao hiato que existe entre o ambiente cultural e a experiência fundante. Esse hiato afirma cada vez mais as experiências fundantes quanto mais as nega. Então, isso é como a lingüiça amarrada no rabo de cachorro: nunca vai alcançar, mas vai correr cada vez mais. Por quê essas escolas gnósticas representam o universo como uma cobra que se morde pelo próprio rabo? É um bicho repugnante tentando fazer uma coisa impossível. Comer-se a si próprio, pelo próprio rabo; como o *Oroboros*.

Essa nova meta, expressão do movimento gay que é a “desconstrução da heteronormatividade”...

A desconstrução da heteronormatividade vai prosseguir e quanto mais ela insistir, mais ela vai afirmar a heteronormatividade, pois o hetero já está dado na divisão sexuada. Enquanto eles não reconhecerem que identidade homossexual não existe, mas existe o desejo e a fantasia homossexual, mas identidade não existe e não pode existir, pois na hora em que ela existisse, todas as pessoas seriam do mesmo sexo. Quando as pessoas chegam a esse nível de confusão que raia já o psicastênico, então você vê que há muito [1:20:00] tempo a cultura perdeu qualquer conexão com a realidade, é só um diálogo de loucos. Eu acho até que você ter reações morais perante isso é totalmente inadequado, pois não é um problema moral. Se o sujeito ficar louco, não é um problema moral. Só que inventaram um tipo de loucura que é

justamente o tal do delírio de interpretação ou paralaxe, ou como queiram chamar, que é socialmente aprovada, assim como em outras civilizações se teve outras formas de loucura que também eram socialmente aprovadas, como o comércio de crianças na China. Era socialmente aprovado, mas nem por isso deixa de ser estranho um ser humano ter atração sexual por um bebê. Isso só pode acontecer num nível muito elaborado de fantasia, pelo qual a maior parte das pessoas simplesmente não é capaz de se interessar. Mas com um pouco de esforço de imaginação, essa xícara pode se tornar um objeto de desejo para você, pode mesmo, eu não estou brincando. No universo onírico pode acontecer tudo. O sujeito levar porrada, chicotada, pode se tornar uma fantasia aceitável para certas pessoas e que comprova o que Aristóteles afirma sobre os “escravos por natureza”: se ninguém fosse escravo por natureza não haveria clubes de sado-masiquismo. Como o impulso de escravidão não faz mais parte da estrutura econômica da sociedade, ele reflui para a estrutura lúdica, para as diversões públicas. E isso acontece porque é impossível que a seleção dos escravos numa sociedade escravocrata acerte em escravizar somente as pessoas que são escravas por natureza, vão necessariamente escravizar um monte de cara que não serve para ser escravo e que vão se revoltar contra isso. Mas você vê que tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, quando houve a abolição, muitos escravos não queriam ir embora. Não é só por causa das vantagens econômicas, é porque sua natureza os impelia a isso. Daí quando não tem você vai se virar no clube de sado-masiquismo, se tiver dinheiro para isso.

Pergunta: Quando você falou que a matematização da natureza cria uma separação do homem com relação à natureza, fiquei pensando que certas modas culturais, Nova Era, por exemplo, são mais ou menos uma versão caricatural de um resgate da experiência fundante.

Mas sem dúvida! Quando vem essa matematização da natureza na Renascença, acontece que ela é uma matematização artificial, quer dizer, ela não está baseada no pitagorismo real. Quando Pitágoras dizia que os números são as essências de todas as coisas, ele se referia à forma essencial, que pode ser concebida como uma fórmula matemática inalcançável. Você nunca vai ter a fórmula completa de um único ser, mas você sabe que em última instância ele tem uma estrutura matemática interna que expressa a sua forma essencial não só da espécie, mas a fórmula essencial da individualidade, da *asseidade*, como dizia John Duns Scott. Acontece que o primeiro a perceber isso na história foi o Mário Ferreira dos Santos. E aquele pessoal da Renascença entendia a matematização apenas como a medida. Ora, a medida de uma coisa não está nela, a medida dela é a comparação dela com outra coisa. Que outra coisa? Todas as outras coisas? Se fosse com todas as outras coisas, teríamos entrado no conceito Leibntziano da *mônada*. Uma *mônada* tem em si as diferenças que a distingue de todas as outras *mônadas*. Então, com isso, a *mônada* seria exatamente a forma essencial da individualidade no sentido pitagórico originário. Mas não foi isso que aconteceu. Não é a comparação de uma *mônada* com todas as outras *mônadas*. Não, é a comparação das coisas com uma unidade de medida que você determinou e que passa a ser então o interpretante universal. Então aí

constrói-se um mundo matemático que só conserva do mundo real as propriedades que sejam mensuráveis para aquela unidade de medida. Então claro que não é o mundo real, é uma faixa do mundo. Então, ele está para o mundo real como o plano está para o espaço. Ou seja, existem infinitos outros planos que você não está levando em conta.

[1:25:00] Então, com isso se cria ao mesmo tempo uma visão totalmente artificial da realidade e como essa abordagem por medidas revela alguma eficiência em algumas áreas da vida social, isto vem acompanhado de um acréscimo tremendo da autoridade da classe social empenhada em fazer isso. Então é a autoridade da ciência e junto dela, a autoridade da burocracia, que é toda baseada em ciência, não só nas ciências naturais como nas sociais. As ciências sociais criam novos e novos instrumentos de controle e as ciências naturais também. Você tem então um grupo de pessoas que têm meios de agir sobre todas as outras, e que têm não só o poder mas o prestígio quase mágico. A idéia de que a ciência natural responderá todas as perguntas no futuro, já é uma idéia imbecil. Mas você arrogar autoridade a ela agora na situação atual por conta das perguntas que você supõe que ela poderá responder daqui a quinhentos anos, bom, aí já é a inversão completa do tempo, aí já é a mentalidade revolucionária.

Então, contra isso é normal que surjam impulsos de retornar a uma experiência originária, mesmo porquê aí entra o negócio do Max Weber: na medida em que a burocracia vai impondo a sua forma de racionalidade à todos os setores da vida social, ela acaba matando as relações reais entre pessoas, esses elos de solidariedade comunitária, identidades regionais, identidades familiares, identidades religiosas etc., tudo isso vai para as cucuias. Daí, diz Max Weber: durante um certo tempo a noção de humanidade se recolhe para a intimidade, ainda é possível você ser você mesmo com uma pessoa, ou com duas pessoas que te compreendem etc., mas daqui a pouco o negócio penetra já na intimidade. A intimidade das pessoas hoje é mediada por todas essas identidades criadas por feminismo, movimento gay etc. Que intimidade real pode haver entre um homem e uma mulher se as pessoas já vão para a cama com a idéia de que aquilo é uma relação de poder? Sim, o ato sexual contém elementos de poder, mas ele não é uma relação de poder. Contém elemento de poder, pois tudo o que você faz, contém o elemento de poder. E por que é assim? Porque se você não pudesse, você não faria. Nós só fazemos o que podemos. Portanto, o poder é inerente a qualquer ação. Agora, dizer que isso aqui é um relação de poder... é uma distância de anos luz. Mas se a pessoa já vai para a cama com seu cônjuge com a idéia de que é uma relação de poder, acabou a intimidade: não são pessoas reais que estão se relacionando, mas dois papéis sociais determinados por uma ideologia feita de antagonismo.

Pergunta: Me parece que o próprio preservativo...

Sim, o preservativo! Já vai fazer duas gerações que não há contato íntimo, a não ser através de uma película de borracha. Não é uma coisa terrível?

Sim, ela é uma película de borracha, mas ela acaba sendo na verdade um película de uma série de elementos culturais...

Claro, a camisinha traz uma série de elementos culturais. Se você vai para a cama com uma mulher não só com a intenção explícita de evitar a procriação, ou seja, com a intenção de bloquear a seqüência causal natural inerente ao ato sexual, aí você já isolou a parte da natureza. Mas, você já vai ali com a intenção de evitar um contágio. Então [1:30:00] aquela pessoa que está indo para a cama com você representa um perigo, não só o perigo da chamada gravidez indesejada, mas um perigo mortal. Você está transando, vamos dizer, com um barril de pólvora. Que intimidade pode haver aí?

Max Weber falou da sociedade racionalizada, como ele a chamava, que eliminava todos os contatos possíveis e sobrava somente o mundo íntimo. Ele disse isso em 1910, e muita água rolou depois disso. Então, como até a intimidade vai ficando impossível, é natural que surja uma reação que pretende explodir com toda a estrutura burocrático-científica e retornar a uma experiência originária. Mas não é uma experiência originária, é um simulacro de experiência originária. Quando você vê no filme *Woodstock* aquelas pessoas todas rolando na lama, se abraçando e beijando no meio da lama, o que eles estão querendo? Estão querendo sentir uma experiência originária, mas acontece que isto não é experiência originária, isto é um símbolo material da experiência originária, e com isso os caras se afastam mais ainda. O único jeito de retornar à experiência originária é o que eu chamo a *técnica da confissão*, em você admitir que você sabe aquilo que sabe. Então é uma decisão puramente interior de submissão à estrutura da realidade, e sabendo que a estrutura da realidade não é apenas uma série de medidas materiais. Não! Eu estou falando da estrutura da realidade como um todo, e não apenas do mundo natural. A noção de natureza eu estou afastando, eu não estou falando de natureza, mas do mundo real, ou seja, do universo da experiência, o universo de nossa presença no mundo. Então, para você retornar a isso, tudo pode te atrapalhar: a cultura, a religião, os símbolos etc. atrapalham. Só há uma coisa que não atrapalha: é você confessar a realidade.

Na verdade, se você pensar bem, é a coisa mais fácil do mundo! Como é que eu cheguei a isso? Vocês querem saber? Eu cheguei nesse negócio porque há mais de trinta anos eu já desisti de tudo! Há mais de trinta anos atrás eu me considerei falecido! Tudo estava tão ruim e tudo era tão impossível... De certo, foi por isso que Deus me colocou no Brasil, pois no Brasil tudo é impossível... Não vai dar para fazer nada, nada, nada... Estamos aqui completamente prisioneiros, completamente amarrados, estamos na rabeira da cadeira alimentar e nunca seremos nada. Bom, dito isto, eu quero saber que coisa é esta! Mesmo que eu não consiga contar para ninguém. Agora, por exemplo, eu estou contando para vocês coisas que eu já pensei há mais de trinta anos atrás, que guardei na minha cabeça e não falava para ninguém. Eu pensava assim: "porquê eu vou ficar sabendo de tudo isso se eu não vou poder contar para ninguém?" Deus é quem sabe: este é um mistério que eu não consigo resolver. Quando estiver face a face com Deus, Ele me explicará. Mas olha, saber isso, mesmo não podendo agir de maneira alguma, mesmo

estando reduzido à completa impotência social, cultural, política e até humana – só não tinha impotência sexual, eu ficava igual ao Michel Weber quando ficou gagá: a única coisa que ele conseguia fazer era ter relações sexuais, pois ele não conseguia nem falar. Eu estava mais ou menos assim. Ainda assim, na situação mais opressiva possível, o saber era bom, era muito bom saber, ainda que numa situação de solidão total: mesmo aí era melhor saber do que não saber.

[1:35:00] Eu acho que a compreensão disso, tem uma certa mutação existencial que está subentendida nisso aí. Quer dizer, uma espécie de humildade ontológica, não uma humildade no sentido moral. As pessoas não chegam a isso pois elas não querem fazer esse ato. Elas acham que se elas fizerem elas vão ser desfeitas, acham que vão virar pó. Na verdade não vão.

Pergunta: A pergunta tem haver com essa impotência total. Parece que foi uma situação que aconteceu especificamente para você, não dá para reproduzir isso, os alunos podem não ter essa sensação de impotência total, eles têm outras experiência, mas não obstante...

Eu acho que todo mundo que nasceu no Brasil têm essa experiência, só falta reconhecer. No Brasil, qualquer ação, por mais mínima que seja, é muito difícil.

Pergunta: a experiência é a sensação de impotência, é isso que você quer dizer?

É. Essa sensação de impotência, total impossibilidade de uma ação na esfera da sociedade, eu acho que todo brasileiro tem. Eu acho que mesmo as pessoas que têm capacidade e meios de ação têm essa sensação, e é por isso que vemos pessoas ricas e poderosas viverem intimidadas e não fazem nada. Elas só têm dinheiro, mas não quer dizer que tenham possibilidades de ação. A sociedade brasileira é muito confusa e ela é feita para que até os projetos mais mínimos das pessoas acabem parecendo complexos demais. Isso não é de hoje que é assim. No livro de Octávio de Faria, *Cristo e César*, que é da década de 30, ele começa o livro com essa experiência: “eu fico aqui pensando milhões e milhões de pessoas cujos projetos mais mínimos da suas vidas se tornam impossíveis.” Aqui nos Estados Unidos você não tem tanto essa experiência, ao contrário, você tem a experiência da sociedade como um campo aberto onde você pode fazer muita coisa.

É claro que isso foi uma experiência pessoal e ninguém pode passar exatamente por essa. Por exemplo, na experiência da oração, quando você está rezando, você lembrar que não existe nenhuma razão para você existir, não tem fundamento a sua existência, não tem um fundamento objetivo, que você é um puro produto do amor divino e mais nada. É uma maneira de você chegar a este estado de humildade ontológica, onde a hipótese de que tudo esteja no seu cérebro, as formas à priori etc., começam a parecer ridículo. Como, no meu cérebro, eu? Porquê?

[1:40:00] *Pergunta: Mas se você não se limpar dessas estruturas mentais que cobrem a percepção das experiências fundamentais, você não consegue nem rezar verdadeiramente... Isso é algo preliminar à vida religiosa.*

Claro que é preliminar. Sem isso não tem vida religiosa nenhuma, é apenas um simbolismo.

Senão a vida religiosa passa a ser um reforço...

Claro, senão a vida religiosa passa a ser um reforço desse artificialismo todo. A vida religiosa é inviável sem a experiência fundante. Ora, uma boa maneira de você cultivar o senso da experiência fundante é você pensar assim: o que garante para você que amanhã você vai continuar se lembrando de alguma coisa do que você foi e do que você fez. Por exemplo, a experiência de você acordar no mesmo lugar onde você dormiu é uma boa ajuda. Se eu não tivesse isso, a minha memória já teria ido para as cucuias há muito tempo. Quer dizer, sem a estabilidade do mundo exterior não há memória nenhuma. A continuidade das coisas, se fossem depender de meu cérebro... Vejam, agente não consegue se concentrar cinco minutos numa coisa! Então nós temos esse suporte do mundo exterior que está continuamente nos lembrando, nos trazendo sinais etc.

É incrível como alguém pode ser um kantiano ou um idealista subjetivo diante de uma coisa tão poderosa como esta. Você vê que essas escolas de pensamento que colocam tudo no sujeito ou no cérebro são de uma arrogância perante o universo inteiro e perante o próprio Deus que é um negócio imperdoável! Você acha que as formas à priori estão no seu cérebro? Está bem! Então cada vez que você dormir nós vamos lhe pôr num outro lugar diferente e você não vai saber onde está, a língua que as pessoas falam é outra... Quero ver as suas formas à priori durarem uma semana! Têm formas à priori, sim, mas elas estão no universo que nos rodeia. Por isso que eu fiquei tão entusiasmado quando apareceram essas experiências do Rupert Sheldrake. Ele acaba mostrando que a memória e o pensamento não estão em nós, estão aí, sei lá, na atmosfera, por assim dizer. Outra coisa: a respiração. Seu pensamento não depende da respiração? Como é que teríamos o senso do interior e exterior sem a respiração? Quem nos ensinou isso? Foi o ar!

As antigas concepções que explicavam a alma como uma espécie de vento que sai do corpo e que vai embora, elas traduziam algo dessa experiência originária. Quer dizer, eu sei o ar que vem de fora não tem intimidade nenhuma comigo mesmo. Como é que o cara pode ser kantiano diante de uma coisa de um impacto de uma realidade tão fundamental? É muita teimosia demoníaca! São suas as formas a priori? Então eu tapo seu nariz e sua boca e apela para as formas a priori! No fundo, você vê que não temos interioridade nenhuma, nossa interioridade é uma coisa muito tênue. Se não fosse a condensação do amor divino em todas as formas cósmicas que nos rodeiam, nós não teríamos interioridade nenhuma, meu Deus do céu! Como é que as pessoas podem ter a experiência de que o mundo exterior é uma coisa

heterogênea, não tem nada haver comigo e eu sou uma alminha pensante solta num mundo estranho e esquisito? O que é isso, meu filho? A sua alminha pensante vêm do exterior, vem com o ar que você respira! Descartes diz “penso logo existo”. Ele não parou para pensar que ele precisava respirar para pensar uma coisa dessa? Veja o que é a paralaxe cognitiva, a que distância o sujeito foi parar da sua experiência originária para poder pensar uma besteira dessa e [1:45:00] ainda ser considerado um grande filósofo! Essas coisas que eu estou falando, para Platão eram as coisas mais óbvias do mundo! Ele sabia que a nossa inteligência é uma mera cópia da inteligência que está gravada no próprio cosmos. Existe a inteligência divina, a inteligência cósmica - que é aquela parte que está registrada nas formas do cosmos, e a nossa inteligência, que são trilhões de copiazinhas. Tudo isso é muito óbvio depois que agente explica, e a cultura universal está negando isso: então isso virou um hospício.

Pois a paralaxe começou como um problema filosófico na época de Descartes, era um problema na cabeça de um filósofo, mas agora ela molda as instituições sociais...

Como é que o cartesianismo se impôs dessa maneira? Ele se impôs através dos seminários. Foi a Igreja que fez isso. Durante o século XVIII praticamente todos os seminários da Europa ensinavam tudo com base em Descartes. E depois começa a matança de cristãos e os caras não sabem de onde vem. Foram vocês que fizeram, seus burros! Eu acho que Descartes deveria ser rejeitado *in limine*, na base do “cala a boca, burro, tu não és filósofo coisa alguma, tu és um palpiteiro. Vai embora para casa!” Mas decidiram levar a sério porque eles mesmos já tinham perdido o senso da experiência originária. Eles viviam só num mundo de idéias, de doutrinas, de crenças e etc. Isso tudo é determinado pelo quê? Pelo papel social. Veja, ficar sem papel social nenhum é uma experiência que já me ocorreu várias vezes na vida. Era um marginalizado total. Então, por exemplo, durante um tempo na minha vida, quando eu estava ligado com o pessoal do partido comunista, eu tinha uma rede de conexões que me assegurariam um emprego em caso de necessidade. E quando eu perdi isso? Perdi o emprego e não tinha para quem pedir, e cheguei a ficar seis meses desempregado. Você não tem conexões profissionais, não tem conexões ideológicas, não tem conexões religiosas e os seus amigos acham você apenas um cara esquisito, e quando você diz que está com problemas eles não acreditam, acham que é mais uma gozação sua. Mas é claro que existem graus mais profundos de marginalidade. Por exemplo, você pode ficar louco: você perde o instrumento de comunicação. Pode ocorrer de perder a memória, ter um AVC, que foi o caso do Monir, tudo isso pode acontecer. E daí cadê sua identidade, suas formas *à priori*?

Agora, sempre tem um fundo do qual você pode puxar tudo de novo. Esse fundo, qual é? É o cosmo que lhe rodeia, é onde você está. Se você o aceita, ele o refaz.

[1:49:50]

Transcrição: Grupo de Curitiba (Emanuel Franchetti)

Revisão – Carlos Felice [cfz@terra.com.br]